

MODERNIDADE: apontamentos sobre a experiência moderna no interior paulista no início do século XX

Juliana C.Terra de SOUZA¹

Resumo: Neste artigo, através do estudo de fontes documentais, buscamos inserir Jaboticabal, cidade situada no nordeste do Estado de São Paulo, na dinâmica da modernidade e experiência moderna no Brasil. Processo iniciado nas grandes capitais, já no século XIX, e, em virtude da economia cafeeira, também vivenciado nas cidades do interior paulista entre o fim do século XIX e início do século XX, tal modernidade será uma modernidade paradoxal e que traz junto a si o seu reverso, o antimoderno. As novas “práticas modernas”, são encaradas como ferramentas para forjar o novo homem moderno.

Palavras-chave: Modernidade. Experiência moderna. Jaboticabal.

MODERNITY: notes on the modern experience in the interior of São Paulo in the early twentieth century

Abstract: In this article, through the study of documentary sources, we seek to insert Jaboticabal, a town in northeastern São Paulo state, in the dynamics of modernity and modern experience in Brazil. Process started in the big cities, in the nineteenth century, and because of the coffee economy, also experienced in the cities of São Paulo state between the end of the nineteenth and early twentieth-century modernity that modernity is a paradoxical thing and that brings with itself the reverse, anti-modern. The new “modern practices” are viewed as tools to forge the new modern man.

Keywords: Modernity. Modern experience. Jaboticabal.

O moderno: contrastes entre aspirações e temores

Para entender o conceito *modernidade*, usamos a descrição dada por Marshall Berman (2007, p.24), que diz ser tal modernidade um “con-

¹ Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista - Unesp (Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara - FCL - Campus de Araraquara). E-mail: julianacristinaterra@yahoo.com.br.

junto de experiências”, sendo estas “de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida”.

No tocante ao Brasil, Nicolau Sevcenko (1998, p.8-9), aponta que o advento de mudanças econômicas ocorridas no cenário internacional estimulou modificações dos hábitos e costumes cotidianos, das formas de viver, de sentir e ver o mundo. O capitalismo, que se expandia e se consolidava nos diversos cantos do globo, no século XIX, influenciou a dinâmica social de regiões mais diversas, incluindo nosso país. Portanto, tal experiência capitalista modifica a noção de tempo e espaço dos homens e, com sua apologia ao lucro e consumo, acelera a renovação de gostos e aspirações materiais e culturais. Sevcenko assinala como “raiz” desse caráter expansionista a revolução industrial de 1780, com o ferro, o carvão e as máquinas a vapor e, sobretudo, a revolução tecno-científica, que aplica aos processos produtivos suas descobertas científicas, acarretando novos potenciais energéticos, e depois, produtos petroquímicos e eletrônicos.

Sobre esse cenário de transformação econômica e renovação tecnológica e científica, podemos relacionar a narrativa de Sevcenko ao conceito de modernidade dado por Berman. Berman (2007, p.28) argumenta que é nesse cenário dinâmico e autotransformador que tem lugar a experiência moderna. E nessas “experiências modernas” é frequente o anseio por aventura e transformação.

Pensando na revolução industrial como fomentadora de mudanças comportamentais, não podemos deixar de pensar na grande revolução francesa, iniciada em 1789, que legará os valores modernos a um “grande e moderno público”, além de suas fronteiras territoriais. Assim, enquanto a revolução tecno-científica impulsiona a unidade global do mercado capitalista, os ideais franceses incutem no homem a noção de ação, direito, aspiração e renovação. Essas sensações/experiências são definidas por Berman como *modernidade*.

O novo homem moderno tem a seus olhos infinitas possibilidades e, juntamente, o peso das suas escolhas. A própria modernidade lhe confere um horizonte múltiplo, onde agora ele pode assumir opções diversas tornando-se sujeito. No entanto, a liberdade que surge traz consigo instabilidade; os caminhos trilhados configuram novas variantes, e enquanto a incipiente modernidade cria raízes, o antigo mundo persiste. O homem do final do século XVIII tem a sensação de viver em dois mundos: ainda se lembra do que é viver nos primórdios da modernidade, onde esta não é plena, enquanto experimenta o “turbilhão” de uma era revolucionária:

[...] Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotrans-

formação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos [...] (BERMAN, 2007, p.24).

Podemos identificar, através da leitura de escritores modernos como Goethe, Baudelaire, Dostoiévski e Marx, o carácter de insegurança, sensação avassaladora de fragmentação, efemeridade e mudança caótica da modernidade. Como assinala David Harvey (1998, p. 21-22) são essas as palavras-chaves da experiência moderna.

A insegurança diz respeito ao contínuo processo de vir-a-ser de que Berman fala. Rompe-se com a tradição, preterida pelas novidades que mal nascem e já se tornam obsoletas. O novo processo criativo, pautado na destruição criativa, visa mudar não somente o cenário urbano, revolucionar tecnologias e meios de produção, mas modificar a própria essência dos homens, inculcando-lhes o apreço pelo moderno. Tal processo se baseia na apologia do progresso, vinculando o novo como sinónimo de transcendente, evolutivo.

Evolução, progresso e civilização

O século XVIII é usualmente tido como “iluminado”, herdeiro do racionalismo cartesiano, proveniente do século XVII, que prega a dúvida metódica e a razão como método por excelência, fomentando duas correntes filosóficas: o racionalismo científico e o empirismo. Sendo que o racionalismo se pauta no método dedutivo, fundado na intuição; já o empirismo é relacionado ao método indutivo prezando a experiência como ponto de partida para o conhecimento.

É a partir destas duas perspectivas que o iluminismo se desenvolveu. Seja pela indução ou dedução, sua base gira em torno das premissas da razão como “entidade” suprema e da ciência como portadora da verdade. Com isso, concordamos com Japiassú quando este propõe que os iluministas acreditavam poder contribuir para o progresso da humanidade (2005, p.104).

Um século mais tarde esses valores se desenvolvem na prática dos ideais iluministas. Assim entendiam o progresso os pensadores dos séculos XVIII e XIX.

[...] uma lei da história da humanidade a qual, na medida em que, através da ciência, adquire mais conhecimentos e aperfeiçoa seus meios técnicos, adquire também mais

riquezas, mais felicidade e mais segurança. Por isso mesmo, o progresso implica a idéia de que o presente é melhor do que o passado e que o futuro será melhor do que o presente (SIMON, 2005, p.156).

Dessa forma, o século XIX marca o surgimento da teoria positiva e do evolucionismo:

Herdeiro da concepção racionalista, o século XIX foi marcado pelo advento da ciência como forma privilegiada de conhecimento. Reagindo à metafísica presente no racionalismo, o filósofo francês Auguste Comte propôs o positivismo como escola filosófica e a ciência como a forma de conhecimento objetivo. Seu pensamento marcou aquele que ficou conhecido como o “século da ciência”. Tomando o conhecimento empírico como o único válido para se poder afirmar positivamente qual a realidade objetiva dos fatos concretos, Comte estabeleceu os princípios do método científico baseado na observação empírica dos fenômenos naturais e sociais para a apreensão dos fatos e desvendamento das leis gerais que governam o funcionamento da realidade. O filósofo francês também contribuiu para o advento de um pensamento evolucionista, outra marca do século XIX [...] (PASSADOR, 2003, p.36).

Nas palavras de Simon (2005, p.144), o positivismo de Comte promove “o último estágio que a humanidade teria atingido, fundado e condicionado pela ciência”. É positivo, estando assim em oposição ao negativo. E exprime a proposta de organização moral e intelectual da sociedade.

Tem-se em voga o darwinismo social² e a crença no evolucionismo. Tal crença dispõe que as sociedades têm diferentes estágios de evolução. É elaborada uma linha evolutiva de que todas as “civilizações” terão que percorrer. Simon (2005, p.145-146) afirma que Comte inaugura essas etapas evolutivas com sua “grande lei fundamental” de que o homem evolui de um estado teológico para um metafísico, e deste para o “positivo”, termo definitivo onde a humanidade encontra-se com a ciência. Tais ideias germinam na Europa Ocidental e é legada ao restante do mundo através

² O darwinismo social utiliza-se de princípios biológicos para explicar a sociedade. As ideias de Darwin são apropriadas e aplicadas no campo social. O pressuposto do darwinismo social era a existência de uma história única e evolutiva para todos os povos, sendo que as diferenças entre eles se deviam a etapas distintas na evolução biológica e cultural. Contudo, vale ressaltar que Darwin se limitou à Biologia no seu estudo sobre a origem das espécies.

do contato dos europeus com os demais países. Dessa maneira, o europeu tenderá a sempre julgar o “outro” pelo crivo de sua “posição” evolutiva.

Ao olhar dos “primitivos”, vendo a si mesmos como “civilizados”, os europeus criam a linha evolucionista, enxergando que há transição. Tal visão é essencialmente eurocêntrica, pois remete ao modo de vida da Europa Ocidental no que se relaciona à religião, etnia e forma de organização política e familiar. Comparando o outro com a sua sociedade, o europeu se reafirma como superior e vê o outro como inferior.

Esta crença evolucionista efetua uma distinção entre as áreas possuidoras de elementos modernos, ditas civilizadas, das que ainda estão permeadas pelo atraso, pela “barbárie e selvageria”. Um dos usos dessa classificação evolutiva do progresso foi feita em relação ao estabelecimento de gradações a partir do grau de modernização que as diversas sociedades possuem, o que só reafirma seu caráter etnocêntrico e eurocêntrico.

E este discurso toca fundo no ego dos homens e das nações. Envolto pelo turbilhão do novo, negar sua força seria o mesmo que assumir um caráter de inferioridade. Assim, tem início uma ânsia generalizada em partilhar da modernidade, de seus símbolos e de suas benesses. Enfim, dançar a dança do progresso, galgar a escala evolutiva.

E o Brasil, aos olhos estrangeiros, é um país atrasado, pois se constituiu a partir de índios e escravos. Não se aplicaram aqui inovações do processo evolutivo em virtude da escravidão e da miscigenação, características inegáveis do país, que teriam enfraquecido o povo brasileiro³.

Dessa maneira, é necessário ascender, se modernizar e adquirir status de país civilizado. Para tanto, como a Europa é o modelo, nada mais natural que se introduzissem no país, em larga escala, elementos europeus, que eram, por excelência, proclamados como os mais desejáveis, sinônimos do civilizado. Conforme Doin et al. (2007, p.94) “o tão ambicionado e desejado progresso envolvia a articulação de duas forças vitais e complementares por parte das elites locais: *modernização* e *civilização*”.

A modernização, para Berman, desdobra-se em três ângulos diversos e complementares:

[...] como um processo histórico de acumulação capitalista nas mãos de um pequeno grupo de fazendeiros de café; como projeto de transformação material de costumes e da paisagem urbana das cidades; e como processos sociais que impulsionaram ou obstaculizaram os investimentos

³ Tais crenças fariam, futuramente, com que as elites do país desejassem “branquear” a população na tentativa de tolher tal aspecto negativo.

urbanos das elites, bem como as estratégias de vivências dos populares (BERMAN apud DOIN et al., 2007, p.94).

Quanto ao conceito de civilização, pautamo-nos em Jean Starobinski (2001), que destaca sua mutabilidade desde os primórdios de seu uso até a composição atual que fazemos dele. É interessante observar a evolução que o termo empreende até adquirir o status de ápice da evolução. Starobinski inicia assinalando-o como sinônimo de sociabilidade, tendo assim aparecido em 1771 no *Dicionário universal (Trévoux)*. Já em 1795, por meio do *Novo dicionário francês contendo novas criações do povo francês*, Starobinski afirma que:

[...] (a palavra) que esteve em uso apenas na prática, para dizer que uma causa criminal é tornada civil, é empregada para exprimir a ação de civilizar ou a tendência de um povo a polir ou, antes, a corrigir seus costumes e seus usos produzindo na sociedade civil uma moralidade luminosa, ativa, afetuosa e abundante em boas obras. (Cada Cidadão da Europa está hoje empenhado nesse último combate de civilização. Civilização dos costumes) (STAROBINSKI, 2001, p.12-13).

Vincula-se o civilizar com o polir num processo de refinamento e padronização dos hábitos e costumes em que é feito o controle de emoções e instintos, processo esse denominado pelo estudioso Norbert Elias (1994) como um “processo civilizatório”. Este processo tem como raiz a sociedade de corte feudal, que origina o conceito de cortesia, sendo esta um conjunto de normas de comportamento que se restringe, de início, às grandes cortes feudais, para depois se espalhar para estratos mais amplos. Suas características essenciais remetem a convenções sobre como o homem deve se portar nas cortes.

Com o correr dos anos tem-se a ampliação das camadas envolvidas nesse processo, com as classes médias penetrando e trazendo para fora do círculo cortesão o modo de vida cortês. Nesse instante, o discurso já não precisa ser exaustivamente reafirmado. As novas práticas já estão incutidas no imaginário dessas classes “superiores”, e as mesmas se desenvolvem cada vez mais na direção da suavização dos hábitos, da construção de uma barreira invisível das emoções, em que imperam a repressão dos instintos e o desenvolvimento de sensações de nojo, repugnância e desagrado. Tudo o que não se enquadra nesse novo padrão comportamental é posto de lado para a condição de segredo, para o canto do “privado”. O processo desenvolve-se, como vemos, na formulação de uma convenção de sociabilidade. E remete aos estágios evolutivos de ascensão ao progres-

so, tão caros aos darwinistas sociais, em que se moldam os hábitos cada vez mais para o caminho do civilizar, do abandono da rudeza e da barbárie.

A palavra *civilização*, que designa um processo, sobrevém na história das idéias ao mesmo tempo em que a acepção moderna de *progresso*. Civilização e progresso são termos destinados a manter as mais estreitas relações. [...] A história, a reflexão de historiador, conjeturais ou empíricas, põem mãos à obra para chegar a um “quadro dos progressos do espírito humano”, a uma representação da marcha da civilização por meio de diversos estados de aperfeiçoamento sucessivos (STAROBINSKI, 2001, p. 15).

Aos poucos o conceito caminha para um “estado do que é civilizado” e a palavra já não é um neologismo começando a perder seu caráter de processo, de ação, deixando de ser um devir. O conceito é submetido a um crivo e a ele atribui-se um “valor incontestável”, posto que se torna “critério por excelência”, motivo de exaltação e aspiração.

Tais estados de aperfeiçoamento implicam uma distinção entre civilizações e o conseqüente preconceito das mais civilizadas para com as atrasadas. Essa será a base para a formação de um discurso de autoridade por parte das grandes potências: difundir sua civilização para os povos bárbaros. Com isso, o estado de civilização propicia que se subjuguem os não-civilizados, os menos civilizados. O conceito se torna forma de domínio.

Sendo os europeus os primeiros a adentrarem na marcha civilizatória, e, portanto, mais próximos do “estado de civilização”, se julgam no direito de transmitir o grau de civilização conquistado para os que supostamente o aspira.

Decorre disso também o desejo de muitos países, inspirados nos moldes europeus, ascenderem ao status de civilizados. A “lima” que vai polir/civilizar acaba com a rudeza, sendo a rudeza o velho. Com isso, polir é introduzir o novo. Nas sociedades situadas no sertão paulista, que buscam se modernizar, introduzir o novo é copiar as sociedades civilizadas que já passaram pelo processo civilizatório. Desta forma, na marcha do progresso, cultivam as novidades que já não são novas em seus locais de origem.

“Belle Époque caipira”: grandes acontecimentos na pequena cidade

Concordamos com Doin et al.(2007) a respeito de a expansão das lavouras cafeeiras e do avanço das relações capitalistas no Nordeste

paulista fomentarem “um profundo gosto pelo moderno e por toda a materialidade e simbolismo que o envolviam” (2007, p.94).

Com isso, trazendo nosso olhar para uma das localidades do nordeste paulista que vivenciaram essa *Belle Époque* caipira, a cidade de Jaboticabal, nota-se, concomitantemente ao processo de expansão econômica, alguns indícios de uma mudança de mentalidade na qual o “moderno” e o “progresso” predominam como palavras de ordem.

Atrelado ao florescimento financeiro, deseja-se agora partilhar da modernidade e de seus símbolos. A vivência, no cotidiano, de experiências presentes na Europa, sobretudo na França e sua *Belle Époque*, daria à elite local sua legitimação enquanto esfera superior, sublime. Com as vistas voltadas para São Paulo, Rio de Janeiro e países da Europa, em especial a França, a cidade apostará na sua modernização como forma de aproximação desses centros modernos, ocultando assim sua realidade de sertão afastado e arcaico.

Marshall Berman afirma que, no século XX, o processo de modernização se expande a ponto de abarcar o mundo todo. Processo esse que se inicia no século XVI e se intensifica “ganhando um grande e moderno público com a grande onda revolucionária de 1790” (2007, p.25).

No entanto, os novos “adeptos do modernismo”, entre eles o Brasil, e, ainda, Jaboticabal, terão especificidades locais que farão com que o novo se molde a seu meio. Desenvolver-se-á, sim, uma *Belle Époque*, mas “caipira”, com a marca indelével da realidade local a lhe moldar as práticas.

A cidade partilha das “experiências de modernidade”. Contudo, sua realidade atrelada à produção agrícola, sem tradição industrial, e tendo os interesses públicos mesclados aos privados resulta em paradoxos constantes.

Ser moderno eu dizia, é experimentar a experiência pessoal e social como um torvelinho, ver o mundo e a si próprio em perpétua desintegração e renovação, agitação e angústia, ambigüidade e contradição: é ser parte de um universo em que tudo que é sólido desmancha no ar (BERMAN, 2007, p.24).

É nessa constante busca de se enquadrar na modernidade, imperativa no mundo do café, que Jaboticabal começa a se urbanizar e desenvolver sua vida social.

Novas aquisições: a modernidade na cidade

É com a ascensão da produção cafeeira que será possível ao município empregar seus proventos em direção a melhorias urbanas. Esse fenômeno não é exclusivo da cidade, ocorre em todas as localidades onde o “ouro verde” frutifica. Com a sua chegada:

[...] O rei café trazia consigo a *electricidade*, o *automóvel*, e o *telephone*, os tecidos finos, o *petit pavé*, os bulevares, o calçamento das ruas e os palacetes, o aeroplano, o *poudre de riz*, o *theatro* e o *cinematographo*, entre outras ‘novidades’ [...] (DOIN et al., 2007, p.95).

Podemos observar que rapidamente ocorrerá a transformação urbana local com a abertura de restaurantes, cafés, estabelecimentos bancários, fundação de clubes, etc. Jaboticabal passa a querer partilhar do “ser moderno”. Na ocasião das proximidades da instalação da iluminação elétrica na cidade, em 1910, a preocupação também se dava no sentido de preparar as ruas, palco da festa:

A prefeitura municipal continua activamente o trabalho de modificação das ruas da cidade. Torna-se preciso porem que os proprietarios urbanos secundem este meritório esforço, principalmente providenciando relativamente a reconstrucção das calçadas, para que a cidade apresente melhor aspecto a 14 de julho futuro, quando se deve inaugurar a illuminação electrica (O COMBATE, 26/06/1910).

Com a iluminação próxima fala-se em passeios pelas ruas “luminosas”:

Proseguem com a possivel actividade os trabalhos de drenagem e arranjo das ruas que vão tomando outro aspecto com os novos e commodos passeios a cimento sendo digno de nota a boa vontade do nosso activo prefeito. Tendo de inaugurar-se dentro em pouco a illuminação electrica, esperamos que a colônia brasileira não protele o preparo dos respectivos passeios á frente de suas propriedades, de modo a corresponder aos esforços da prefeitura (O Combate, 03/07/1910).

Dos vagões da Estação Ferroviária da cidade, desembarcavam, a cada dia, mais homens em busca da promessa de enriquecimento. Raquel

Discini observou a mesma ocorrência em estudo sobre São José do Rio Preto (localidade que pertenceu a Jaboticabal até 1904):

[...] pessoas “de fora” que vinham para ficar definitivamente e fixar moradia, constituindo-se desta forma os primeiros núcleos de profissionais liberais da cidade. Advogados, médicos, farmacêuticos, professores e tantos outros que nas décadas de 1910 e 1920 deslocavam-se do Rio de Janeiro, Pernambuco, São Paulo e Minas Gerais para a então longínqua Rio Preto. Tal migração interna era característica de um período em que as oportunidades de enriquecimento no sudeste brasileiro atraíam não só estrangeiros, mas também brasileiros de outras províncias (2004, p.38-39).

No entanto, as melhorias promovidas se limitam a um perímetro pequeno e bem delimitado: o centro. Vemos assim, no início do século XX, notadamente a partir da década de 1910, um processo de urbanização parcial abrangendo somente o centro de Jaboticabal.

Entre o ser e o querer ser

Em publicação que comemora o centenário da independência do Brasil, esta era a imagem da moderna Jaboticabal:

[...] despindo suas vestimentas antigas, hoje é um centro civilizado e moderno que oferece o melhor conforto aos seus habitantes. [...]. Quem visita Jaboticabal fica deslumbrado em admirar as suas praças e ruas, sob o ponto de vista da hygiene e da esthetica”. Eis em rápidas linhas um ligeiro e pallido esboço sobre a bella e risonha Jaboticabal, um dos melhores ornamentos do nosso Estado (A “Capital Artística” na Commemoração do Centenário, 1922, p.127-8).

O ideário moderno desperta as classes dirigentes para a ânsia de dinamizar e elevar Jaboticabal ao patamar de progressista, uma “cidade modelo” aos olhos de fora. Buscará se apresentar ao olhar de outrem (seja das cidades vizinhas ou da capital da província) como moderna, ativa. A citação descrita acima comunga com um discurso acerca do progresso e civilização. Tal discurso aparece com grande constância nos jornais locais:

Avantaja-se cada vez mais o progresso da nossa cidade. Actualmente, em Jaboticabal, apesar do grande numero de

novas construções, de casas elegantes que se vão erguendo, dando às nossas ruas um aspecto de mais animação, não se encontra uma só casa vazia. Prova isto que a nossa cidade se vai tornando um centro de grandes actividades e vai tendo uma procura admirável. [...] a extraordinária animação que reina, na compra dos cafés de primeira ordem que a nossa cidade produz tudo isto vai concorrendo para a agitação que a olhos descobertos vamos notando entre nós. [...] (Jaboticabal) tem a frente os elementos de energias indispensáveis para impulsionar-lhe a vida e sustentar-lhe as grandes aspirações de ser ainda, uma cidade modelo, um centro de actividades e de progressos (O COMBATE, 01/08/1912).

Publicando com certa regularidade essa imagem acerca do progresso local, fica estabelecida uma convenção entre os jaboticabalenses, de que o progresso é característico da cidade e que o mesmo aumenta a cada dia com os novos empreendimentos. E com quão ufanismo se receberá “reconhecimentos” elogiosos das localidades situadas aos arredores:

A propósito dos melhoramentos realizados ultimamente nesta cidade a correspondencia de Brotas publicada pelo “Correio Paulistano”, diz o seguinte “Estive esse tempo todo na amada e prospera Jaboticabal, na ridente e altiva cidade do oeste sempre alegrada pela suave e esplendorosa luz do sol, perennemente illuminada pelo brilhante azul de um céu limpido e transparente. Alli notei com satisfação um progresso vertiginoso, que se vae sempre desdobrando no aurifulgente manto do triumpho. Alli notei, um elemento incomparavel de acção, assegurador da prosperidade futura daquela cidade. Alli notei, enfim, grande melhoramento material em todas as suas ruas, em todos os seus largos, em todos os seus prédios, em todos os seus recantos.[...] (O COMBATE, 11/05/1911).

Convém destacar que o jornal local “O Combate” trazia a programação de cinema e teatro, destacava artigos comentando as reuniões festivas dos estabelecimentos escolares, convenções políticas e festas cívicas, como sinónimos de uma fermentação da vida social local. Era uma forma de aproximação com os grandes centros urbanos europeus e nacionais.

Em meio ao querer ser grande, era necessário parecer ser grande. Isso, não somente para se diferenciar das cidades vizinhas, mas também para a própria população da cidade assimilar tal crença de grandiosidade. Neste “querer ser” é interessante a aproximação que o jaboticabalense

faz de si mesmo com o objeto do seu querer. O discurso proferido pelos matutinos locais aludia a tão pretendida civilização francesa como próxima do contato do interiorano, ainda que seja sob o molde de propagandas de casa de comércio com tal denominação. Aliás, era muito comum que os estabelecimentos comerciais recebessem nomes estrangeiros, principalmente franceses. Desta forma, encurtavam-se as distâncias entre as tão aspiradas sociedades europeias, e a realidade local. E, o novo, palavra muito em voga no momento, ganha espaço no vocabulário corriqueiro da cidade.

Da exaltação ao conflito: a modernidade no homem

Iniciado o processo de pertencimento à modernidade, Jaboticabal toma parte de uma nova experiência de tempo e de espaço, intrínsecas ao projeto moderno.

O espaço urbano se remodelava, e os homens encenavam novas sociabilidades.

[...] urbanismo e civilidade são lados de uma mesma moeda: a moeda da modernização. Trata-se, em última instância, de transformações mais ou menos aprofundadas que tiveram como intuito modificar não apenas o aspecto externo da cidade, mas também o *modus vivendi* de seus cidadãos, privilegiando uma nova sociabilidade (SILVA, 204, p. 153).

No tocante ao tempo, o que prevalece agora é o ritmo do relógio, que é o símbolo da relação do homem com o tempo. Velocidade se torna o conceito por excelência:

Com efeito, para além das alterações vivenciadas pelo espaço urbano – no sentido de se criar um espaço moderno e civilizado –, há que se ressaltar as alterações sofridas pelo próprio tempo urbano, que acabavam resultando inevitavelmente num novo estilo de vida, numa incipiente *vida moderna* (SILVA, 2004, p. 153).

Diante de uma nova relação com o espaço e com o tempo, muitos desses homens modernos, que de início se espantam e maravilham com os proventos da modernidade, serão tomados pela angústia da instabilidade desse novo mundo em permanente transformação.

“O Combate” trazia a coluna “Kaleidoscopio” que muito pode nos ajudar na elucidação do imaginário em torno do moderno a ser transmitido aos homens letrados de Jaboticabal:

Quem, criança, nunca de extasion, maravilhado, diante do assombroso espectaculo daquellas vistasinhas multi-co-cores e multi-formes que nos apresenta o kaleidoscopio? A imaginação infantil é tão facil de contentar e se enleva tão facilmente ante qualquer facto ou acontecimento ordinario, que lhe pareça estranho! Assim o kaleidoscopio assume para o espirito infantil as proporções gigantes-cas de uma extraordinaria maravilha [...] (O COMBATE, 15/10/1908).

Crianças diante do “Kaleidoscopio”, assim, ficavam os homens diante das aquisições modernas com as quais tinham contato. A cada possibilidade, a cada novidade, dá-se a volta ao caleidoscópio a ver se o objeto lhes exhibe uma vista reveladora.

Contudo, além dos meros discursos que exaltam os novos tempos desenvolve-se, também, outro tipo de sensação quanto à experiência moderna como pode ser observado na seguinte poesia publicada em 13/02/1910:

Não sei porque nasci

Não sei porque nasci!...Esta existencia ingloria
Que eu arrasto a gemer na multidão.
[...] Outr’ora, eu tinha idéas grandiosas,
Tinha sêde de gloria, aspiracções d’amor
Fitava no horisonte a estrella do futuro
E caminhava altivo, immaculado e puro
[...] Mas hoje, a indiferença envolveu-me a existencia
[...] Tenho tédio de mim, de tudo que me cerca,
Dos sonhos que sonhei, dos versos que escrevi,
Não gosto do rumor faustoso da cidade
Tenho horror à sciencia, odeio á humanidade
Não sei porque nasci (O COMBATE, 13/02/1910, grifo nosso).

O próprio “Kaleidoscopio” está imberbe de dualidade. Não contém somente vistas reveladoras, como alerta o próprio autor:

Que é a vida do homem mais do que a exhibição, ás vezes fugaz, ás vezes tetrica, de um kaleidoscopio, onde os factos se succedem sem conexão, sem coherencia, sem os

visos da realidade, que, não raro, lhe querem emprestar?
(O COMBATE, 15/10/1908).

A sensação agora é de letargia. Um torpor dos sentidos após a embriaguez do consumo excitado do discurso progressista e modernista. Lembremo-nos da proposição de Berman de que ser moderno é “ver o mundo e a si próprio em perpétua desintegração e renovação, agitação e angústia, ambigüidade e contradição”. Haverá os que sentirão pesado demais o fardo dessa instabilidade, ou, que não saberão destruir para criar ou criar para destruir. Nesse contexto, encontramos novamente na coluna “Kaleidoscopio” do jornal “O Combate” uma análise do suicídio como mal, que se não novo, imbuído agora dos medos do torvelinho moderno.

Acabo de passar a vista na secção telegraphica dos jornaes e deparo a notícia de suicídios, qual mais rodeado de circunstancias pouco communs nesse gênero de morte, denunciadora da mais profunda fraqueza mental de quem a procura. [...] Hoje, porém, os requintes de uma civilização, cada vez mais exigente, vão tendo como consequência levar aos espiritos fracos a idéa do suicídio, como o meio mais prompto, embora covarde, de fugirem ás difficuldades, aos tropeços que encontram na vida, os que tíbios não sabem ou não querem ter o trabalho de superar as vicissitudes da vida (O COMBATE, 15/10/1908).

Vemos, então, que a experiência moderna na cidade, será multifacetada, existindo os que dela só vêem benefícios, e outros que se sentem tolhidos pele seu caráter revolucionário. Contudo, em ambos os casos o que não se discute, é que os novos tempos estão atrelados à perspectiva do progresso, civilização e da ciência.

Referências bibliográficas

BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CAMPOS, R. D. **A** *Princesa do Sertão na modernidade republicana: urbanidade e educação na Rio Preto dos anos 20*. São Paulo: Annablume, 2004.

DOIN, J. E.M. et al. *A Belle Époque caipira: problematizações e oportunidades interpretativas da modernidade e urbanização no Mundo do Café (1852-1930) - a proposta do Cemunc*. In: São Paulo: *Revista Brasileira de História*, v.27, n. 53, 2007.

ELIAS, N. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994, v. 1.

HARVEY, D. *A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 7.ed. São Paulo: Loyola, 1998.

JAPIASSÚ, H. O racionalismo cartesiano. In: REZENDE, A. (Org.). *Curso de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

PASSADOR, L. H. O campo da antropologia: constituição de uma ciência do homem. In: GUERRIERO, S. (org.) *Antropos e psique: o outro e sua subjetividade*. 4 ed. São Paulo: Olho D' Água, 2003.

SEVCENKO, N. Introdução. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: *História da vida privada no Brasil República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, v.3.

SILVA, M. Espaço e vivência: transformações modernizadoras na Primeira República. In: João Pessoa: *SAECULUM - Revista de História*, n. 11, ago. dez. 2004.

SIMON, M. C. O positivismo de Comte. In: REZENDE, A. (Org.). *Curso de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

STAROBINSKI, J. *As máscaras da civilização: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Fontes documentais

Calçadas. *O Combate*. 26/06/1910.

Kaleidoscopio. *O Combate*. 15/10/1908.

Melhoramentos da cidade. *O Combate*. 03/07/1910.

Não sei porque nasci. *O Combate*. 13/02/1910.

O Progresso de Jaboticabal. *O Combate*. 11/05/1911.

Progressos. *O Combate*. 01/08/1912.

S. Paulo – A “Capital Artística” na Comemoração do Centenario. 1922.